

# O contemporâneo na função analítica: medo e paixão<sup>1</sup>

Ane Marlise Port Rodrigues<sup>2</sup>  
Augusta Gerchmann<sup>3</sup>  
Christiane Vecchi da Paixão<sup>4</sup>  
Kellen Gurgel Anchieta<sup>5</sup>

[...] *apesar de toda a dispersão da vida contemporânea, as múltiplas sereias que existem para você não se concentram, talvez haja ainda essa vontade de ler uma narrativa longa, que tente dar conta de um ambiente, de uma sociedade, do raciocínio e do sentimento de uma pessoa* (CONTI, 2013, p. 5).

**Resumo:** Situando *Totem e tabu* como um trabalho de Freud com abrangência contemporânea, as autoras indagam-se sobre o sentido de estarem explicitadas na *Relação de Membros* da Febrapsi, sob o título *Princípios Éticos da IPA*, as proibições totêmicas. Consideram que analista e analisando, ao desenvolverem o processo analítico, entram num terreno escorregadio onde são mobilizados medos e paixões. O risco de transgressão da regra de abstinência envolve a dupla e requer que a interdição e a lei

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na mesa redonda *O contemporâneo e a função analítica*, no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise. Campo Grande/MS, setembro/2013.

<sup>2</sup> Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Membro Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>5</sup> Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

sejam reinstaladas constantemente. Diferenciam amor de transferência e transferência passional. Enfatizam que vivências de desamparo do analista e a não elaboração de dimensões narcísicas e edípicas de sua sexualidade infantil podem dificultar ou impedir a manutenção do enquadre interno e externo, necessários para assegurar a função analítica e o trabalho analítico.

**Palavras-chave:** Contemporâneo. Função analítica. Medo. Paixão. Princípios Éticos da IPA. Totem e tabu.

Nosso projeto, ao nos debruçarmos sobre este tema – *O contemporâneo na função analítica: medo e paixão* – nasceu a partir do seminário sobre *Totem e tabu* no Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), artigo que completa 100 anos e que é tema deste encontro de analistas do Brasil.

Apesar de sua antiguidade, este artigo nos pareceu contemporâneo. No mesmo ano de *Totem e tabu* (FREUD, 1913a), também é publicado o artigo *O interesse pela psicanálise* (FREUD, 1913b). Na época, a psicanálise era considerada uma ciência jovem pelo autor. Nesse texto, Freud explica os motivos que levam o ser humano a ter atos falhos e sonhos, meios através dos quais o psiquismo, sufocando a representação que suscita dor psíquica, evita o desprazer que a lembrança promoveria.

Naquele período, Freud (1913b) identifica como neurose a patologia que se apresentava através dessas formações do inconsciente, pelo mecanismo do deslocamento. Segundo o autor, “a psicanálise eleva o sonho à condição de um ato psíquico que possui sentido, propósito e um lugar dentro da vida anímica do sujeito e, ao fazê-lo, se situa acima do alheio, da incoerência e do absurdo do sonho” (p. 173).

Concomitantemente, em *Totem e tabu*, Freud (1913a) relaciona o horror dos selvagens ao incesto à vida anímica do neurótico, esta última dirigida à primeira escolha de objeto sexual. Reconhece o tabu do incesto e o desejo pela eliminação do pai e posse da mãe, concebendo o complexo nuclear da neurose, conhecido como complexo de Édipo.

Mais adiante, agrega que a resolução da conflitiva edípica deixa como herdeiro o superego, ou ideal do eu, que começou a constituir-se no período do narcisismo (FREUD, 1914), quando a máxima consistia na ideia de que *assim como o pai quero ser*.

O totemismo simboliza o crime que foi cometido. Mas o assassinato do pai, ao mesmo tempo em que inaugura o ser civilizado e as relações fraternas, lança-o ao desamparo de estar sem o pai absoluto e entregue à própria sorte.

Partindo de Wundt (apud FREUD, 1913a), que sugere ser o *Tabu* o código legal não escrito mais antigo da humanidade, perguntamo-nos qual será o sentido para que, na *Relação de Membros*, a Federação Brasileira de Psicanálise (2013) coloque, explicitadas na forma da lei, sob o título *Princípios Éticos da IPA*, as proibições totêmicas. Consta no item 5: “O psicanalista não deverá ter relações sexuais com um/a paciente ou estudante sob tratamento ou supervisão do psicanalista” (p. 24).

De que forma a cultura atual, em que se observa um afrouxamento da repressão e uma constituição insuficiente do ideal de ego, pode vir a refletir-se na sala de análise? Um código de conduta que necessita ser explicitado junto à relação de membros alerta para o risco da transgressão e faz recordar a presença da lei. Dentre as recomendações, Freud já incluía a necessidade de não haver nenhuma proximidade social entre analista e paciente, salientando, entre os pilares da técnica, a manutenção da neutralidade e a abstinência a serviço do analisando. Haveria por parte dos analistas o risco de *esquecer* os princípios éticos que norteiam a psicanálise?

Gabbard (2005) propõe uma diferenciação entre violação e cruzamento de fronteira. Violações de fronteira envolvem transgressões que são potencialmente prejudiciais ou exploradoras do paciente; elas podem ser sexuais ou não. Estamos diante de um fenômeno descrito como terreno escorregadio, que envolve a progressão gradual de violações de fronteira das mais sutis e não sexuais ao franco envolvimento sexual.

Pensamos que, nessa área escorregadia em que habita o medo e a paixão, podemos vislumbrar o desamparo crônico ou circunstancial do analista, a perda de discrição com o paciente, a ativação de núcleos psicóticos ou a atuação de áreas de *psicopatia predatória* (termo usado por Gabbard), na qual a violação não é reconhecida. Também neste terreno estão representações de desejos ou relacionamentos incestuosos do passado de um deles. E ainda temos o que Gabbard nomeia de *rendição masoquista*, que mais comumente ocorre com pacientes considerados difíceis ou impossíveis, quando o analista repete o padrão de relação com o objeto torturador, controlador e exigente de seu passado. O analista cede à demanda de seu analisando e racionaliza sua própria rendição, gerando atuações transgressoras.

Além dos fatores que envolvem a história infantil do analista, consideramos que faz parte do terreno escorregadio a relação previamente esta-

belecida na análise pessoal do analista: o vínculo com o seu analista de formação.

Aulagnier (1979) aponta para a patologia desse vínculo, em nome do amor de transferência, quando ocorre uma idealização excessiva do analista didata pelo analista em formação. Chama de *acidente passionnal* quando esse amor transferencial, condição necessária para colocar em marcha a análise, desliza para uma paixão alienante que mantém o analisando capturado pela idealização. A relação assim estabelecida torna-se um ritual vazio e não habitado por um real projeto analítico que leve à autonomia emocional e de pensamento. Com o término desse tipo de análise, é conservada a idealização, seja através do referencial teórico, de um modelo de pensamento ou de um poder do analista sobre o analisando. Nesse sentido, o pai totêmico nunca é morto e o analista, em sua formação ou depois, poderá atuar essa vivência não elaborada, fomentando com seus analisandos o mesmo tipo de idealização.

Segue o autor explicando que na diferenciação entre relação amorosa e relação passional, o objeto da paixão não é substituível, tornando-se objeto necessário. Quando lidamos com o objeto da paixão, o desejo se converte em necessidade. No contexto do tratamento analítico, pensamos que o enquadre externo e interno entram como reguladores para interditar a sedução mútua que apaga as diferenças entre analista e paciente, levando a uma relação passional de necessidade e gozo mútuos. O medo parece residir justamente na existência do desejo da transgressão, pois a interdição deverá ser instalada constantemente.

O risco, quando a interdição não ocorre, é que o analista exerça uma violência secundária, tomando o analisando como *infans* no lugar de escutar e compreender o seu idioma. Portanto, consideramos fundamental diferenciar o amor de transferência e a transferência passional. O amor de transferência, defendido por Freud como necessário e estruturante do processo analítico, revelará a neurose de transferência. Este *canto da sereia*, quando transborda seus limites para além do indicado, para que a técnica se instale, poderá levar analista e analisando a entrarem numa sedução mútua, gerando uma atuação tanática, pura expressão da pulsão de morte. Ocorrerá a destruição do processo e da esperança do analisando de alcançar a resolução de seus conflitos e a representação para sua dor psíquica.

É frequente encontrar na literatura psicanalítica atual referências à clínica na qual a neurose, como organizador psíquico, não se estabeleceu a contento. São quadros com falhas importantes na constituição do narcisismo estruturante e da capacidade simbólica, dificultando que se crie a representação do não representado.

Levantamos a questão de que, nesses casos, o pai ainda não pode ser assassinado pelo fato de não ter sido adequadamente reconhecido e, assim, sua função simbólica não alcança ser plenamente representada no psiquismo. *Totem e tabu* precisam estruturar-se na passagem pelo Édipo. Para que isso ocorra, é necessário passar pelo narcisismo, estabelecendo um ideal que sustente a própria passagem pela e na interdição, movimento necessário para viver e elaborar o luto pela castração simbólica. Por vezes, há uma tendência de se pensar que esse movimento de renúncia é exclusivo do filho.

Ledo engano: a par da renúncia imposta ao filho, existe a necessária renúncia do pai na passagem do lugar mítico de dono da horda ao lugar simbólico do representante e executor da lei, porquanto ele próprio não é a lei, mas seu representante, devendo também submeter-se a ela. Se *Totem e tabu* estão no cerne do complexo de Édipo, darão a esse complexo uma universalidade da qual padece todo sujeito da cultura.

Temos nestas leis o marco inaugural de uma nova ordem social. No entanto,

É importante diferenciarmos que as leis totêmicas têm por objetivo ordenar as relações de troca e união dentro de uma determinada sociedade, enquanto que as leis ligadas ao complexo de Édipo têm a função de ordenar o mundo do desejo, permitindo alojar-se no inconsciente a partir do objeto da pulsão (a mulher do pai), e do objeto do desejo (a proibição do gozo sexual com essa mulher) (LEITE; PAIM FILHO, 2007, p. 39).

Este conjunto de leis tem em comum o fator da interdição e a renúncia subsequente. Poderíamos relacionar a vivência de desamparo do analista e as falhas na instalação da repressão e na constituição do superego com seu impedimento em manter a interdição necessária ao desenvolvimento de sua função analítica. Para tanto, a função analítica perpassa a vivência, a identificação e a internalização de sua própria análise, como eixo fundamental do tripé da formação analítica.

Agamben (1978a) relata a análise de Lévi-Strauss sobre os Aranda, população da Austrália Central que usava objetos de pedra ou de madeira como totens representantes do corpo de um antepassado. Em seus rituais, nas sucessivas gerações, tais objetos eram solenemente atribuídos ao indivíduo que acreditava ser a reencarnação do antepassado naquela circunstância. Destaca Agamben a dupla dimensão temporal do totem: sua função diacrônica, que atravessa o

tempo e se torna presença tangível do passado mítico, e sua função sincrônica, pois está encarnada no presente, permanecendo atual.

Também considera a contemporaneidade como uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância. Cria-se, assim, uma situação de quebra, de fratura, um estado de espírito em que na escuridão é possível enxergar, procurando-se ver na obscuridade. O escuro do tempo não é considerado uma ausência, mas sim uma construção histórica. A relação fundamental entre o passado e o presente se dá pelo arcaico, estabelecido como origem. Essa origem não se situa apenas num tempo cronológico, mas torna-se contemporânea ao constituir-se num marco da história e não cessa de operar sobre esta, da mesma forma que a criança vive na vida psíquica do adulto (AGAMBEN, 2008).

A infância é descrita por Agamben (1978b) como a pátria transcendental da história e a linguagem como o lugar onde a experiência deve tornar-se verdade, quando o sujeito desenvolve o próprio discurso. A ênfase na importância da subjetivação é ponto comum entre o filósofo e os psicanalistas, principalmente numa sociedade muitas vezes imersa em gigantescos processos de *des-subjetivação*. Facilmente podemos entrever, nos bastidores, a importância fundamental dos milhares de espaços analíticos que vêm sendo constituídos, desde Freud, para assegurar a presença do subjetivo e o reconhecimento do arcaico no presente, tentando enfrentar a força da repetição e gerando facilitações para novos caminhos transformadores do futuro. Nesse contexto, a psicanálise torna-se uma experiência subjetiva que coloca o inconsciente, a sexualidade, o desamparo e a morte no âmago da alma humana, revelando-os através da relação analista-analisando.

Vários autores afirmam que, num mundo que prioriza o exterior, o consumo, o imediatismo, as aparências e a não reflexão, a psicanálise torna-se fundamental como reduto do ser e da reflexão. Portanto, a escuta analítica e a função analítica tornam-se elementos altamente contemporâneos. E como é possível para a psicanálise transitar do presente ao arcaico e do arcaico ao presente, situando no contemporâneo o ser do analista e o ser do analisando, ambos imersos nos medos e paixões que esse trânsito suscita? Pensamos que o estabelecimento do enquadre analítico permite ao analista correr os riscos inerentes à posição de polo de atração da transferência de ambas as dimensões do infantil (narcísica e edípica), as quais buscam satisfação e/ou sentido.

Para Césio (1986), desde Freud, o contrato analítico estabelece algumas disposições que regulam a relação entre o analisando e o analista, incluindo a proibição de toda e qualquer atuação por parte de ambos. A regra de abstinência

situaria o analista no lugar do objeto *tabu*, representante do pai morto, do parricídio e do incesto, colocando o analista no lugar do mesmo ideal que fundamenta a religião. Neste sentido, o analista adquiriria o poder do pai *morto*, do *cadáver* representante do eu original, do narcisismo primário absoluto e do próprio ideal. Para o autor, a abstinência representaria a reação defensiva frente à própria culpa pelas fantasias incestuosas latentes, ao mesmo tempo em que é delas inseparável. Sua aplicação na sessão revelaria a excitação incestuosa subjacente. Em resumo, de maneira indireta, a abstinência traria ao primeiro plano o incesto e suas vicissitudes. Novamente, medos e paixões em pauta.

Voltemos aos princípios éticos da IPA, explicitados na relação dos membros publicada pela Febrapsi. O princípio que proíbe o *comércio sexual* – como era chamado pelo próprio Freud – entre analisando e analista aponta para o pai como aquele que deveria realizar o interdito, ao tempo em que ele próprio é o interdito. A lei escrita torna-se representante simbólico da interdição e alerta para o risco das falhas de tão antiga regra, que vem do início da civilização, quando o tabu foi consolidado pelos povos primitivos. Que medos e paixões cegariam o analista em sua função quando abandona o lugar do simbólico, e reativa com o analisando suas mais primitivas fantasias, dirigidas aos seus próprios desejos não tramitados e não elaborados em sua análise pessoal?

Conforme Urribarri (2012), o enquadre, como função constituinte do encontro e do processo analítico, é a instituição e a encenação do método analítico e tem uma natureza transicional (entre a realidade social e a realidade psíquica). O enquadre institui o espaço analítico como um terceiro que torna possível o encontro e a separação (discriminação) entre o psiquismo do paciente e o do analista. Sobretudo, evita a convivência, a fusão regressiva e a captura na miragem da dualidade.

Segue o autor afirmando que na psicanálise contemporânea a significação do enquadre é polissêmica, incluindo diversas lógicas na escuta: escuta da unidade (narcisismo), do par (mãe-bebê), do intermediário (transicional), do triangular (estrutura edípica), do transgeracional e do conjunto (grupalidade e sociabilidade). Portanto, a exigência de trabalho psíquico no analista se dá em várias frentes e exige um analista poliglota, que compreenda variadas apresentações do discurso e do mundo psíquico do paciente, o qual tenta fazer-se representar.

O enquadre interno do analista, mantendo-se estável como um terceiro entre ele e seu paciente, permite adaptações em relação à singularidade de cada caso. A escuta analítica, descrita por Green (2012) como uma metáfora do enquadre, pode ser incluída como parte da função analítica e da interminável construção/desconstrução do lugar de analista, designando uma atitude mental profunda

em face da verdade e do conhecimento de si mesmo, regrada pelo princípio da abstinência.

Delouya (2010) considera que os esquemas do plano edípico constituem os alicerces da escuta analítica. Aponta para o fato de que, na construção em análise, o analista está engajado, não mais como auxiliar do paciente para desatar e dissolver os nós que embaralham a associação livre em direção a *insights* e lembranças, mas como agente de *uma nova ação psíquica*, por meio da qual o paciente adquire a noção de um si mesmo, separado do outro e capaz de subjetivação. Partindo de nossa compreensão, consideramos que, através do enquadre, o analista pode retomar a dimensão do arcaico no presente e atualizar o *Nome-do-Pai* (LACAN, 1958[1957]), herdeiro do assassinato do pai e da interdição do desejo pelas mulheres do pai, configurando a interdição do incesto.

A psicanálise contemporânea desenvolve o *trabalho psíquico do analista* como um eixo conceitual terciário que procura incluir a atenção flutuante e a contratransferência como dimensões parciais e complementares de um processo complexo (URRIBARRI, 2012). A subjetividade do analista é colocada em jogo como parte do diálogo analítico, como co-constitutiva do campo analítico intersubjetivo. A constante e interminável elaboração no analista das dimensões narcísicas e edípicas de sua sexualidade infantil, através de sua análise, reanálise, autoanálise e experiência clínica, torna-se fundamental para atravessar as zonas de turbulência geradas pelo encontro analítico. Aponta Delouya (2010) que, nessas condições, são ativadas as fantasias originárias de constituição do sexual (sedução originária), de constituição da diferença entre gerações (cena primária), de constituição da alteridade (castração) e de retorno ao ventre materno (nirvana). Ao que acrescentamos nesse esquema de mitos familiares, a novela familiar (desejo de adoção pelo pai analista).

Ao longo dos cruzamentos destas ideias, enquanto tecíamos este breve apanhado sobre a contemporaneidade da função do analista, seus medos e suas paixões, voltamos às origens da psicanálise. Da filosofia, antropologia, teologia e outros campos do saber partiu Freud para construir o arcabouço teórico e técnico da psicanálise. Apesar das diversidades teóricas, temos tido, como analistas, a necessidade cada vez maior de nos lançarmos à leitura de outros campos de estudo, como um retorno às origens, buscando respostas para a dor e o desamparo da criatura humana. Ao mesmo tempo, para exercer a função analítica temos de nos ater à técnica e ao referencial teórico, a fim de que o mundo psíquico possa emergir. Sabemos que não só o mundo psíquico do paciente emerge, mas também o do analista, ativando medos e paixões. Para não nos deixarmos enfeitiçar pela paixão desta *praxis*, viemos buscando, através

de novas leituras, ampliar e dar um novo e genuíno sentido às doenças da alma, incluindo um tempo que se transforma e tem fim, diferentemente do inconsciente atemporal. Não só o ego é corporal e finito, como também a psicanálise. Após um século, apresenta-nos mais claramente suas limitações e coloca-nos frente à desidealização necessária. No entanto, mantém-se contemporânea e ainda parece ser a melhor oferta para o sofrimento psíquico do ser humano na atualidade.

A cada dia defrontamo-nos com o que é mais transitório no humano: a vida. Na tentativa de entendê-la, é saudável buscar, assim como Freud, em outras ciências, na filosofia e nas artes, novas perguntas, sabedores de que nunca chegaremos às respostas. Elas estarão sempre em outro tempo.

### **The contemporary in the analytical function: fear and passion**

**Abstract:** Situating *Totem and taboo* as one of Freud's work with contemporary scope, the authors question themselves about the meaning of being explicit in the "List of Members" of Febrapsi, under the title *Ethic Principles of IPA*, the totemic prohibitions. They consider that the analyst and the patient, when developing the analytical process, enter a slippery ground where fears and passions are mobilized. The risk of breaking the rule of abstinence involves both and demands that the interdiction and the law be reinstalled constantly. They differentiate transference love and passionate transference. They emphasize the experiences of helplessness of the analyst and the no-elaboration of the narcissistic and oedipal dimensions on his/her infantile sexuality can hamper or ban the maintenance of the internal and external setting, essential to guarantee the analytical function and the analytical work.

**Keywords:** Analytical function. Contemporary. Ethic Principles of IPA. Fear. Passion. Totem and Taboo.

### **Referências**

AGAMBEN, G. O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e o jogo. In: \_\_\_\_\_. **Infância e história:** destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 79-107. Originalmente publicado em 1978a.

\_\_\_\_\_. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: \_\_\_\_\_. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 54-65. Originalmente publicado em 1978b.

\_\_\_\_\_. O que é o contemporâneo? In: \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2013. Originalmente publicado em 2008.

AULAGNIER, P. La relación amorosa: introducción al análisis de las relaciones de simetria. In: \_\_\_\_\_. **Los destinos del placer.** Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 144-161. Originalmente publicado em 1979.

CÉSIO, F. Abstinência y neurosis actual en la sesion psicoanalitica. In: **Actualneurosis.** Buenos Aires: Editorial La Peste, 2010. p. 393-403. Originalmente publicado em 1986.

CONTI, M. S. Um tempo que não se perde. Entrevista concedida a Carlos André Moreira. **Zero Hora** (Caderno Cultura). Porto Alegre, 6 abr, p. 5, 2013.

DELOUYA, D. Simbolismo e construção: o analista como porta-voz da cultura. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 44, n. 4, p. 165-177, 2010.

FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise). **Relação de Membros**, 2013.

FREUD, S. (1913a). Totem y tabú. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** v. 13. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

\_\_\_\_\_. (1913b). El interés por el psicoanálisis In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** v. 13. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

\_\_\_\_\_. (1914). Introducción al narcisismo. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas.** v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

GABBARD, G. O. Violações das fronteiras profissionais. In: EIZIRIK, C. L. et al. **Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

GREEN, A. André Green: a clínica contemporânea e o enquadre interno do analista. Entrevista concedida a Fernando Uribarri. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 46, n. 3, p. 215-225, 2012.

LACAN, J. A metáfora paterna. In: \_\_\_\_\_. **As formações do inconsciente.** v. 5. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. Originalmente publicado em 1958[1957].

LEITE, L. C.; PAIM FILHO, I. A. Novos tempos, velhas recomendações I (sobre a função analítica). In: \_\_\_\_\_. **Novos tempos, velhas recomendações**

**sobre a função analítica (1912-2012):** Freud – 100 anos depois. Porto Alegre: Sulina, 2012. cap. 2. Originalmente publicado em 2007.

URIBARRI, F. O pensamento clínico contemporâneo: uma visão histórica das mudanças no trabalho do analista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 46, n. 3, p. 47-64, 2012.

ANE MARLISE PORT RODRIGUES  
Rua Carvalho Monteiro, 234 / 606  
90470-100 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: anemprodrigues@gmail.com

AUGUSTA GERCHMANN  
Rua Florêncio Ygartua, 270 / 1107  
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: augustagerchmann@hotmail.com

CHRISTIANE VECCHI DA PAIXÃO  
Rua Ramiro Barcelos, 1793 / 408  
90035-006 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: cv.paixao@hotmail.com

KELLEN GURGEL ANCHIETA  
Rua Florêncio Ygartua, 53 / 406  
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: kgurgel@hotmail.com